



**FORUM PARA A
COMPETITIVIDADE**

NOTA DE CONJUNTURA Nº 51
JULHO DE 2020

Esta Nota de Conjuntura, da responsabilidade
do Fórum para a Competitividade,
inclui informação publicada até 30.07.2020

ESTA NOTA DE CONJUNTURA TEM O PATROCÍNIO DE:

**Jerónimo
Martins**



RESUMO EXECUTIVO

- Parece perdida a hipótese de um plano elaborado por um técnico independente contribuir para inverter 25 anos de quase estagnação portuguesa. Há um ponto cuja ausência tem de ser vivamente lamentada: a educação e a formação profissional. É essencial acompanhar o exercício que, em Espanha, um governo de ideologia semelhante ao nosso está a fazer em diálogo alargado.
- Nos EUA, o que terá sido um desconfinamento precoce estará a agravar a pandemia e a ter já consequências a nível do desemprego, que interrompeu a queda que se verificava.
- O Conselho Europeu conseguiu finalmente chegar a acordo sobre o pacote de ajuda, de 750 mil milhões de euros, embora reduzindo a componente de subvenções, de 500 para 390 mil milhões de euros. Portugal vai receber quase 58 mil milhões de euros e, por isso, deveria almejar um crescimento médio do PIB de 3% ao ano, entre 2022 e 2030.
- O BCE estima que a queda do PIB da zona euro, no 2º trimestre, seja próximo dos 13%, tal como antecipado, esperando-se uma recuperação no 3º trimestre.
- Saúda-se que o governo mantenha o empenho no reforço das exportações e que o programa Internacionalizar 2030 vise aumentar o peso das exportações no PIB para 53%, aplaudindo-se a “isenção de imposto de selo para os seguros de crédito à exportação e os seguros de caução, com garantia de Estado”, eliminando, assim, um problema de concorrência fiscal com Espanha, uma reivindicação sucessiva do Forum para a Competitividade – finalmente – atendida.
- Portugal teve a quarta pior contracção da produção industrial (em variação homóloga) de toda a União Europeia no mês de Maio, e em Junho caiu quase 15%.
- No turismo, houve uma queda de proveitos acima dos 97% em Maio. Dados preliminares de Julho apontam para nova recuperação nos voos, mas ainda com quedas homólogas da ordem dos 80%.
- Verificou-se uma queda acumulada de 181 mil postos de trabalho entre Março e Junho.
- O 2º trimestre revelou-se pior do que o esperado e, por isso, o Forum para Competitividade estima que o PIB terá sofrido uma queda em cadeia entre 12% e 15%, de que terá resultado uma diminuição homóloga entre 14% e 17%.
- Num texto especialmente escrito para esta Nota, a Confederação do Turismo considera que é urgente: o prolongamento e flexibilização da aplicação do regime de “lay off” simplificado (num horizonte que não será inferior ao primeiro semestre de 2021); a extensão das moratórias dos financiamentos bancários até ao segundo trimestre de 2022.

ÍNDICE

EDITORIAL

A visão estratégica para o Plano de recuperação económica e social _____ 5

1. CONJUNTURA INTERNACIONAL

EUA com possível recuo em Julho _____ 8

Conselho Europeu chega finalmente a acordo _____ 8

Dados de actividade _____ 9

2. CONJUNTURA NACIONAL

Programa Internacionalizar 2030 _____ 10

Indústria e construção _____ 10

Serviços _____ 12

Turismo _____ 13

Mercado de trabalho _____ 14

PIB do 2º trimestre _____ 15

3. TEMA EXTRA

Reflexão sobre o Turismo _____ 16

4. MERCADOS FINANCEIROS _____ 20

5. AGENDA _____ 23



- Construir uma visão estratégica do futuro de Portugal é um objectivo que parece mais fácil em períodos de crise

EDITORIAL

A VISÃO ESTRATÉGICA PARA O PLANO DE RECUPERAÇÃO ECONÓMICA E SOCIAL

Pedro Ferraz da Costa ¹

1. Construir uma visão estratégica do futuro de Portugal é um objectivo que parece mais fácil em períodos de crise – como se pudéssemos escrever sobre uma folha branca. E é também em período de crise que essa visão estratégica ajuda a seleccionar objectivos e depois os meios necessários à acção, que no mundo real são sempre escassos.

Nessa medida, sugerimos em carta ao Primeiro Ministro que confiasse a um responsável a tarefa de conceber e executar uma estratégia para o nosso futuro. Principalmente por nos parecer que teríamos condições para deitar fora muita actividade sem futuro, nomeadamente todas as empresas “zombies” que se arrastam desde a crise financeira de 2007-2009, sem recriar nova actividade e destinadas a viver em morte adiada.

O documento é indiscutivelmente melhor no diagnóstico dos problemas mundiais do que na análise dos problemas europeus

2. Está apresentada a visão estratégica. A sua avaliação é no entanto difícil. O documento é indiscutivelmente melhor no diagnóstico dos problemas mundiais e nos seus reflexos em Portugal do que na análise dos problemas europeus, o que é surpreendente pois que se destinaria a integrar um plano europeu a realizar com fundos europeus.

¹ Presidente do Conselho Directivo do Forum para a Competitividade.



- Parece perdida a hipótese de um plano elaborado por um técnico independente contribuir para inverter 25 anos de quase estagnação

Nas propostas de soluções, programas e medidas, o texto perde-se entre uma colectânea de *pet projects* dalguns ministérios, apresentados de forma descoordenada e desproporcionada - quatro linhas para o programa de atração de investimento externo e catorze para o Programa de Transformação de Paisagem...

Não se percebe qual o critério de selecção utilizado; os projectos que criam mais emprego, os que contribuem mais para as exportações, os que fazem crescer o PIB?

E não há qualquer quantificação de qualquer das medidas. Ficaremos a aguardar, sem grande esperança.

3. Parece portanto perdida a hipótese de um plano elaborado por um técnico independente contribuir para inverter 25 anos de quase estagnação (1995-2020) em que fomos sucessivamente ultrapassados pelos novos membros da UE, entre outros, e fizemos crescer a dívida externa de 8% do PIB em 1995 para 110% do PIB em 2011, até rebentar.

Até porque transparece das propostas a vontade de não confrontar, nem na ideologia, nem na prática, os projectos políticos da geringonça.

Ora essa orientação política é a base e a explicação da nossa reduzida atractividade para localização de actividades económicas modernas.

Não dedicar qualquer atenção, digna desse nome, nem à descapitalização do País e das empresas nem à atração do investimento estrangeiro só se pode dever a uma esperança de que o apoio financeiro europeu possibilite decisões menos baseadas em cálculos de mercado e mais numa visão do Estado.



- Quase ausência da educação e formação profissional

- É essencial acompanhar o exercício que, em Espanha, um governo de ideologia semelhante ao nosso está a fazer em diálogo alargado

4. Há um ponto cuja ausência, ou mera referência de passagem, tem de ser vivamente lamentada. Refiro-me à educação e à formação profissional.

Começou a falar-se na geração melhor preparada de sempre. Mas a realidade é que existem duas situações – uma minoria com mestrados, doutoramentos e visão do mundo externo, e uma maioria com dificuldades sérias em conhecimentos básicos para a vida profissional, de que se destacam a comunicação e a quantificação.

A falta de profissionais de nível intermédio – o ensino profissional é detestado pelo sistema educativo, como se viu na reação à proposta alemã de colaboração nesta área onde têm grande sucesso, leva o segmento bem preparado a fazer trabalhos abaixo das suas possibilidades, por isso pouco motivador e também mal pago em termos europeus, nomeadamente devido ao nível absurdo do IRS.

A articulação entre o Ministério da Educação e o que tutela a formação profissional é uma dificuldade antiga de que todos fogem mas que significa o desperdício de parte importante do que a actividade económica, empresas e trabalhadores, paga em TSU para a financiar.

É urgente tratar deste assunto – um dos maiores entraves ao progresso colectivo e às remunerações individuais.

5. A visão estratégica pode ter, apesar e por causa da sua orientação estatista, a vantagem de servir de revelador do que deveria ser uma visão estratégica para o nosso País. Todos temos obrigação de contribuir para esse exercício, salvando boa parte das ideias, integrando-as num todo quantificado e coerente e beneficiando sempre que possível, da visão de outros nossos parceiros. É essencial acompanhar o exercício que, em Espanha, um governo de ideologia semelhante ao nosso está a fazer em diálogo alargado. E também o que outros, como a Irlanda, vão conseguir, outra vez, fazer muito melhor que nós.



**- Economia americana
a reverter recuperação**

**- Subvenções
diminuíram de 500
para 390 mil milhões
de euros**

1. CONJUNTURA INTERNACIONAL

Pedro Braz Teixeira ²

EUA COM POSSÍVEL RECUO EM JULHO

Nas últimas semanas de Julho, adensaram-se os receios de que a pandemia se teria agravado no território norte-americano, conduzindo ao regresso a medidas oficiais de confinamento. Os pedidos semanais de desemprego voltaram a subir, quando já estavam numa trajectória descendente.

No final de Julho, estão ainda em negociação novas ajudas às famílias, para substituir as que expiraram, esperando-se menor generosidade, com consequências adversas em vários sectores.

CONSELHO EUROPEU CHEGA FINALMENTE A ACORDO

Após uma das mais longas reuniões da sua história, o Conselho Europeu conseguiu finalmente chegar a acordo sobre o pacote de ajuda, de 750 mil milhões de euros, embora reduzindo a componente de subvenções, de 500 para 390 mil milhões de euros.

Um dos aspectos mais polémicos foi a condicionalidade que lhes estaria associada e o resultado final foi qualquer país ter o direito a vetar os fundos atribuídos a outro Estado Membro, se considerar que este não está a cumprir os compromissos. No entanto, este mecanismo tem um prazo de três meses e é a Comissão Europeia que tem a palavra final.

² Director do Gabinete de Estudos do Forum para a Competitividade, responsável pelos textos desta Nota de Conjuntura, com excepção dos assinalados.



- PIB da zona euro pode ter caído cerca de 13%

A estes fundos soma-se o novo orçamento comunitário, de 2021 a 2027, totalizando 1,82 milhões de milhões de euros. Deste total, Portugal deve receber 57,9 mil milhões de euros até 2027, cerca de 4% do PIB por ano. Admitindo que conseguimos recuperar em 2022 o nível de PIB de 2019, deveríamos almejar, no mínimo, um crescimento médio do PIB de 3% ao ano, entre 2022 e 2030.

DADOS DE ACTIVIDADE

O BCE estima que a queda do PIB da zona euro, no 2º trimestre, seja próximo dos 13%, tal como antecipado, esperando-se uma recuperação no 3º trimestre.

Na zona euro, na indústria, a variação homóloga da produção teve uma ligeira recuperação em Maio (de -28,7% para -20,9%), mas mantendo quedas muito expressivas nos nossos maiores parceiros comerciais: Alemanha (-23,1%), Espanha (-24,9%), França (-24,0%) e Itália (-20,3%).

As vendas a retalho de Maio também evidenciaram alguma recuperação, passando de uma variação homóloga em Abril de -19,6% para -5,1%.



- Eliminação de problema de concorrência fiscal

- Indústria em grande queda ainda em Maio

2. CONJUNTURA NACIONAL

PROGRAMA INTERNACIONALIZAR 2030

Saúda-se que o governo mantenha o empenho no reforço das exportações e que o programa Internacionalizar 2030 vise aumentar o peso das exportações no PIB para 53%³, com ênfase em três eixos: a ênfase na marca de Portugal; um esforço para a qualificação das pequenas e médias empresas; apoios fiscais e de financiamento.

No terceiro eixo, tem que se dar destaque à “isenção de imposto de selo para os seguros de crédito à exportação e os seguros de caução, com garantia de Estado”, eliminando, assim, um problema de concorrência fiscal com Espanha, uma reivindicação sucessiva do Forum para a Competitividade – finalmente – atendida.

INDÚSTRIA E CONSTRUÇÃO

Portugal teve a quarta pior contracção da produção industrial (em variação homóloga) de toda a União Europeia no mês de Maio, com um valor semelhante à queda de Abril. Em Junho, houve uma recuperação parcial, para uma queda de 15%. Em relação à produção automóvel, já estão disponíveis dados de Junho, que indicam uma recuperação, com a variação homóloga a passar de -50,6% para -20,0%. Em Julho, houve nova recuperação (parcial) da confiança na indústria transformadora.

³ <https://www.portugal.gov.pt/pt/gc22/comunicacao/noticia?i=programa-internacionalizar-2030-visa-aumentar-a-importancia-das-exportacoes>



- Vendas de cimento em alta

Dados da indústria e construção

Indicador	Uni.	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul
Volume de Negócios na Indústria	tvh	-2,7	-9,0	-33,3	-31,2		
Produção industrial	tvh	1,0	-7,4	-28,9	-27,3	-14,6	
Confiança na Indústria Transformadora	-	-5,7	-9,8	-32,1	-38,5	-24,4	-14,0
Consumo de energia eléctrica	tvh	0,2	-0,5	-12,0	-13,2	-7,4	
Vendas de cimento	tvh	5,9	6,7	11,6	4,1	27,1	
Índice de Produção na Construção	tvh	+1,0	-4,3	-13,3	-8,7		
Confiança na Construção	-	-5,9	-7,9	-35,8	-29,2	-22,4	-17,9
Exportações	Tvh	+0,8	-12,7	-40,1	-39,0		
Importações	tvh	+3,5	-11,6	-39,5	-40,2		

Fonte: INE, Banco de Portugal.

Na construção, destacam-se as vendas de cimento, que nunca chegaram a cair e subiram 27,1% em Junho. Em Julho, a confiança também registou uma recuperação limitada.

As exportações repetiram em Maio a forte queda sofrida em Abril, de quase 40%, com as quedas para Espanha, França e Alemanha responsáveis por mais de metade desta diminuição.



- Vendas de vestuário e calçado ainda com quedas de quase 40% em Junho

SERVIÇOS

As vendas no comércio a retalho passaram de uma evolução de -11,9% em Maio para -6,6% em Junho, estando já mais próximo de uma estabilização. Considerando as vendas de bens não alimentares, a recuperação foi menor, de -22,4% para -9,9%, com destaque, pela dificuldade de regressar ao normal, da vestuário e calçado (-39,2%) e combustíveis (-14,3%).

Em Julho, verificou-se uma ligeira melhoria na confiança, quer no comércio, quer nos serviços.

Dados dos serviços

Indicador	Uni.	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul
Vendas no Comércio a Retalho	tvh	+8,9	-6,5	-22,2	-11,9	-6,6	
Confiança no comércio a retalho	-	3,0	-1,9	-33,3	-28,9	-22,7	-17,2
Vendas veículos ligeiros de passageiros	tvh	+7,4	-57,4	-87,0	-74,7	-56,2	
Vendas de veículos comerciais ligeiros	tvh	-5,2	-51,2	-69,9	-51,3	-36,0	
Volume de Negócios nos Serviços	tvh	+2,3	-16,6	-37,3	-31,2		
Confiança nos serviços	-	7,2	-6,5	-55,3	-56,8	-46,5	-37,2
Inflação	tvh	0,4	0	-0,2	-0,7	0,1	
Inflação subjacente	tvh	0,1	0	-0,2	-0,4	0,2	

Fonte: ACAP, INE.

A inflação de Junho interrompeu os valores negativos de Abril e Maio, incluindo na inflação subjacente.



- Proveitos do turismo com queda de 97% em Maio

TURISMO

No turismo, os dados de actividade continuam a revelar-se devastadores, com a queda de proveitos desta actividade acima dos 97% em Maio. Dados preliminares de Julho apontam para nova recuperação nos voos, mas ainda com quedas homólogas da ordem dos 80%.

Indicações mais prospectivas não se apresentam mais optimistas. Segundo um inquérito recente do Centro de Estado e Sondagens de Opinião (Cesop) da Universidade Católica para o PÚBLICO-RTP, “Entre quem habitualmente passa férias fora de casa, 45% têm certeza que este ano não o farão, mesmo que não haja nenhuma restrição a viagens.”³. Ou seja, a expectativa de que os turistas portugueses possam substituir-se aos estrangeiros é cada vez menor.

Para além disso, Portugal está a ser colocado em causa como possível destino de turismo, em particular pelo Reino Unido, de forma reiterada, o agrava as condições já de si precárias que havia.

Dados do turismo

Indicador	Uni.	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun
Proveitos totais no Turismo	tvh	+13,4	-59,9	-98,5	-97,2	
Tráfego aéreo (NAV)	tvh	-	-36	-94,2	-92,1	-87,9

Fonte: INE, NAV.

³ <https://www.publico.pt/2020/07/20/politica/noticia/ferias-casa-ano-60-ja-decidiu-nao-1925066>



- Perda de 181 mil postos de trabalho entre Março e Junho

MERCADO DE TRABALHO

De acordo com o INE, a taxa de desemprego teria caído, de 6,3% em Abril para 5,9% em Maio, mas dar um salto para 7,0% em Junho. Se olharmos para a evolução do emprego, verifica-se uma queda acumulada de 181 mil postos de trabalho entre Março e Junho, 3,7% do emprego registado em Fevereiro.

A queda do número de desempregados nas estatísticas do IEFP em Junho são um mero fenómeno estatístico de sazonalidade, dado que em termos homólogos a subida é de 36,4%.

Mercado de trabalho

Indicador	Uni.	Mar	Abr	Mai	Jun
Desempregados (INE)	%	6,2	6,3	5,9	7,0
Subutilização do trabalho (INE)	%	12,4	13,4	14,6	15,4
Emprego (INE)	milhares	-26,2	-60,9	-96,2	2,6
Desempregados (INE)	milhares	-14,4	1,6	-29,2	61,3
Inactivos (INE)	milhares	39,5	59,9	125,8	-63,7
Subutilizados (INE)	milhares	-1,5	50,2	58,3	47,9
Desempregados - total (IEFP)	milhares	343,8	392,3	408,9	406,7
Novos desempregados (IEFP)	milhares	53,0	65,5	47,1	43,2
Pedidos de "lay-off"	milhares	72,5	1 211,9	1 332,1	1353,6

Fonte: INE, MTSSS, * 23-Jun.



**- PIB do 2º trimestre
terá tido queda em
cadeia entre 12% e 15%**

Ainda que os dados do desemprego sejam já bastante negativos, teme-se que sejam apenas a ponta do iceberg do que pode concretizar-se nos próximos meses, quer porque a queda da actividade está a ser pior do que o antecipado, quer porque a retoma deverá ser mais lenta.

PIB DO 2º TRIMESTRE

Os dados de Abril foram extremamente negativos, alguns dados de Maio começaram a revelar quedas homólogas menos acentuadas e os de Junho foram um pouco mais benignos, ainda que extremamente débeis em alguns sectores, como o turismo.

Com a forte queda de actividade, generalizada a praticamente todos os sectores, o PIB do 2º trimestre deverá ter tido uma queda fortíssima, sem paralelo nos registos mais recentes.

Em resumo, o 2º trimestre revelou-se pior do que o esperado e, por isso, o PIB terá sofrido uma queda em cadeia entre 12% e 15%, de que terá resultado uma diminuição homóloga entre 14% e 17%, devido à quebra já registada no 1º trimestre.

Saliente-se, ainda, que o Inquérito ao Investimento (1º semestre) revelou uma revisão em forte baixa nas perspectivas desta variável, para 2020, que passaram de um crescimento de 3,6% no Outono de 2019, para uma queda de 8,9% em Junho. A principal razão, como seria previsível, é a deterioração das perspectivas de venda.



**- Turismo representa
902 mil postos de
trabalho**

**- O Turismo Nacional foi
o motor da recuperação
no seguimento do
resgate financeiro
de 2011**

3. TEMA EXTRA

REFLEXÃO SOBRE O TURISMO

António Abrantes ⁴

Enquadramento

Segundo o WTTC (Portugal 2019 Key data) a contribuição (directa e indirecta) do Turismo para a Economia Nacional representou, em 2019, 16,5% do PIB (34,6 Mil Milhões de Euros). O crescimento, em 2019, da contribuição do Turismo para o PIB foi de 4,2%. A contribuição do Turismo para o Emprego (directo e indirecto), em 2019, representou 18,6% do total do Emprego (cerca de 902.400 Postos de trabalho).

Segundo o Banco de Portugal, o Turismo teve em 2019 um impacto positivo nas contas externas do País (saldo) de 15.800 Milhões de Euros.

O consumo dos turistas internacionais em Portugal contribui para as contas públicas nacionais através do IVA e outros Impostos sobre o Consumo, ao contrário das demais exportações de serviços.

Segundo o WEF (TTCI 2019) Portugal é o 12º país do “ranking” de competitividade de Viagens e Turismo. Portugal encontra-se em 34º lugar no “ranking” de competitividade global do World Economic Forum.

O Turismo Nacional foi o motor da recuperação no seguimento do resgate financeiro de 2011, é mais competitivo que a economia nacional, gera emprego, gera riqueza,

⁴ Secretário-Geral da Confederação do Turismo de Portugal.



- O Turismo foi atingido em pleno pela crise resultante da pandemia do COVID-19

qualifica o património histórico, cultural e paisagístico, promove a imagem do País no Mundo e gera importantes receitas para o Orçamento do Estado e da Segurança Social.

O Turismo Nacional ganhou o seu lugar de destaque num mercado global altamente competitivo, apesar dos custos de contexto que tem de suportar face aos destinos concorrentes, pela qualidade dos seus activos e dos serviços prestados.

O ano de 2020 e a crise na sequência da pandemia do COVID -19

A livre circulação das pessoas foi restringida quer no plano interno quer no plano internacional e sem esse factor não há turismo pois a actividade turística vive da presença no território dos turistas e residentes (nacionais e estrangeiros).

A pandemia está longe de estar controlada quer a nível nacional quer a nível dos nossos principais mercados emissores o que, colocando em causa a confiança e os rendimentos dos seus clientes, não permite antever para quando a retoma do turismo e o respectivo ritmo e dimensão.

De um cenário de “mais um ano record” para o Turismo Nacional, este está actualmente confrontado com um cenário de total catástrofe por causas exógenas à sua actividade.

Pese embora todos os esforços realizados para dar resposta às exigências das medidas sanitárias indispensáveis para responder à pandemia, o Turismo não pode ultrapassar os impactos que decorrem da gestão da pandemia em Portugal e nos mercados emissores e das decisões políticas daí decorrentes.



- O Verão de 2020 está perdido

O Verão de 2020 está perdido – na sequência da exclusão dos corredores turísticos “seguros” pelo nosso maior mercado emissor e pelos impactos dessa decisão noutros mercados, da situação da pandemia no Brasil e EUA e noutros mercados emissores –, o semestre seguinte é altamente incerto bem como o ano de 2021.

Não há data possível, para um horizonte de retoma consistente e de uma recuperação para níveis de negócio anteriores à crise, sendo que recentes estimativas apontam que a aviação comercial só recuperará em 2024.

Mas podemos concluir que o impacto desta crise vai durar mais do que inicialmente expectado, dependendo da obtenção de respostas no plano sanitário (vacina e/ou controle da pandemia) e no plano económico (apoios às empresas turísticas e à economia dos mercados emissores no plano do emprego e dos rendimentos).

Enfrentar a emergência, resistir à crise e gerir a retoma da procura

O Governo enfrentou a emergência com respostas de curto prazo pois desconhecia a duração da crise, mas de imediato identificou que o Turismo necessitava de respostas rápidas e específicas.

Mas essas medidas esgotaram-se já e necessitam de ser calibradas (reforçadas, alteradas, prolongadas no tempo) para permitir que as empresas resistam à crise de modo a que a oferta turística não entre em colapso, colocando em causa a resposta à retoma da procura futura.

Em simultâneo, essas medidas têm de ser suficientemente flexíveis de modo a que as empresas possam gerir o período longo de retoma com a maior eficácia.

- As medidas esgotaram-se já



- Prolongamento e flexibilização da aplicação do regime de lay off simplificado

Neste contexto é necessário, com a maior urgência:

- Prolongamento e flexibilização da aplicação do regime de lay off simplificado (num horizonte que não será inferior ao primeiro semestre de 2021)
- Extensão das moratórias dos financiamentos bancários até ao segundo trimestre de 2022, de forma a assegurar a solidez do sistema financeiro neste contexto de crise.
- Assegurar que as empresas disponham de recursos financeiros que lhes permitam resistir à crise, de forma a manter operacional a oferta turística (incluindo os recursos humanos) para que o País possa, numa fase de retoma do Turismo Internacional, dar resposta à procura.
- Assumir que no plano das respostas é necessário alargar o leque de soluções financeiras para além das operações de crédito.
- Considerar e/ou reforçar instrumentos como:
 - Apoios a Investimentos para fazer face à adopção das medidas sanitárias resultantes da pandemia COVID-19 com uma componente de fundo perdido – reforço e abertura de novas candidaturas da linha Adaptar.
 - Apoios à tesouraria das empresas, considerando soluções de conversão a fundo perdido em condições a definir.
 - Apoios à capitalização das empresas através de instrumentos de capital ou quase capital assegurando as garantias necessárias para a sua concretização e a sua conversão a fundo perdido em condições a definir.
 - Incentivos fiscais à capitalização de empresas.
- Atribuir a coordenação e gestão destes instrumentos ao Turismo de Portugal entidade com capacidades e competências para garantir com eficácia e em tempo útil a sua concretização.



- EUA instáveis

4. MERCADOS FINANCEIROS

O aparente agravamento da pandemia nos EUA, está a lançar alguma perturbação nos investidores.

Taxas de juro a 10 anos (nível)

País	31-Mar-20	30-Abr-20	31-Mai-20	30-Jun-20	31-Jul-20
EUA	0,67	0,64	0,65	0,66	0,54
ALEMANHA	-0,47	-0,59	-0,45	-0,45	0,55

Fonte: Bloomberg

O pacote europeu instalou algum optimismo na zona euro, o que conduziu a um estreitamento dos diferenciais de taxa de juro, sobretudo em Itália.

Diferencial com a Alemanha de taxas de juro a 10 anos (pontos base)

País	31-Mar-20	30-Abr-20	31-Mai-20	30-Jun-20	31-Jul-20
ESPAÑA	115	131	101	92	86
ITÁLIA	199	235	192	171	152
PORTUGAL	134	140	95	93	87

Fonte: Bloomberg



- Dólar fraco

As taxas de juro quase nulas nos EUA retiraram atractividade ao dólar, que enfraqueceu, em especial face ao euro.

Taxas de câmbio (nível)

Moedas	31-Mar-20	30-Abr-20	31-Mai-20	30-Jun-20	31-Jul-20
EUR/USD	1,097	1,094	1,110	1,124	1,178
CAD/USD	0,705	0,718	0,726	0,735	0,744
GBP/USD	1,240	1,258	1,234	1,238	1,305
CHN/USD	7,096	7,080	7,133	7,069	7,016

Fonte: Bloomberg

A debilidade do dólar fez subir o preço do ouro nesta moeda, para além da perspectivas de défices públicos elevados e taxas de juro muito baixas.

- Ouro em alta

Matérias primas (nível)

Matéria-prima	31-Mar-20	30-Abr-20	31-Mai-20	30-Jun-20	31-Jul-20
Brent	22,7	25,3	35,3	41,2	42,0
Gás Natural	1,64	1,95	1,85	1,75	1,87
Ouro	1 597,9	1 687,7	1 730,3	1 783,7	1 945,2

Fonte: Bloomberg



- Dicotomia nos mercados accionistas

Os mercados accionistas apresentaram uma relativa estabilidade, mascarando uma grande dicotomia, entre sectores com fortes ganhos (os tecnológicos) e os restantes, com perdas significativas.

Mercados bolsistas (taxas de variação)

Moedas	31-Mar-20	30-Abr-20	31-Mai-20	30-Jun-20	31-Jul-20
Dow Jones	-13,7%	11,1%	4,3%	1,7%	1,1%
S&P 500	-12,5%	12,7%	4,5%	1,8%	3,9%
NASDAQ 100	-7,7%	15,2%	6,2%	6,3%	4,3%
STOXX 600	-14,8%	6,2%	3,0%	2,8%	-0,4%
STOXX 50	-16,3%	5,1%	4,2%	6,0%	-1,2%
FTSE 100	-13,8%	4,0%	3,0%	1,5%	-3,3%
DAX	-16,4%	9,3%	6,7%	6,2%	0,2%
CAC40	-17,2%	4,0%	2,7%	5,1%	-2,1%
MIB	-22,4%	3,8%	2,9%	6,5%	-0,7%
IBEX35	-22,2%	2,0%	2,5%	1,9%	-3,8%
PSI20	-14,6%	5,3%	1,1%	1,4%	-2,3%

Fonte: Bloomberg



5. AGENDA

Data	Evento	Expectativa/observações
5-Ago	Estatísticas do Emprego (2T)	
7-Ago	Comércio Internacional (Jun)	
7-Ago	Produção Construção (Jun)	
10-Ago	Vol. Negócios Serviços (Jun)	
10-Ago	Vol. Negócios Indústria (Jun)	
12-Ago	Inflação (Jul)	
13-Ago	Índice de Custo do Trabalho (2T)	
14-Ago	PIB – Estimativa Rápida (2T)	Entre -12 % e -15%.
14-Ago	Actividade turística (Jun)	
28-Ago	Vol. Negócios Comércio a Retalho (Jul)	
28-Ago	Inquéritos de Conjuntura (Ago)	
31-Ago	Inflação – Estimativa Rápida (Ago)	
31-Ago	Estimativas Mensais de Emprego e Desemprego (Jul)	
31-Ago	PIB (2T)	Entre -12 % e -15%.
1-Set	Produção Industrial (Jul)	
10-Set	Reunião BCE	
16-Set	Reserva Federal dos EUA	

ESTA NOTA DE CONJUNTURA TEM O APOIO DE:



ORDEM
DOS
ENGENHEIROS